

GÊNERO
REPRODUÇÃO
AÇÃO
LIDERANÇA

AFRO
CENTRO DE ESTUDOS
AFRO-BRASILEIROS

Publicação do projeto
**Homem com h: Articulando
Subalteridades Masculinas,**
AFRO – Centro de Estudos
Afro-Brasileiros da Universidade
Candido Mendes (Ceab)

CRÍTICA DA MASCULINIDADE

01 ago 2003

Equações da diversidade

ROSANA HERINGER

**Masculinidades e curiosidades: novos
olhares interseccionais e internacionais**

PAUL AMAR

**O Centro Latino-Americano em
Sexualidade e Direitos Humanos**

SÉRGIO CARRARA

Masculinidades e curiosidades:

novas interseccionais e

PAUL AMAR

O projeto “Homem com h: articulando subalternidades masculinas” está baseado na idéia de que existem muitos tipos de masculinidades no Brasil. Espera-se que os movimentos comunitários, o feminismo, políticas de identidade e instituições democráticas se fortaleçam cada vez mais ao levarem em consideração a diversidade de masculinidades, assim como as diferenças sexuais, econômicas e regionais nas diversas formas do “masculino”. Nós, homens e mulheres, ativos nas mudanças políticas e sociais, precisamos reconhecer, re-mobilizar e recriar as masculinidades em nossas comunidades. Precisamos ver a variação masculina e as diferentes formas de protagonismo, relações e identificações como fontes de potencial humano. Mas como reconheceremos a diversidade das subalternidades masculinas na sua especificidade sem isolarmos a nós mesmos ou a elas em essencializações? Ou como evitaremos fragmentar diferenças masculinas considerando-as como meros traços individuais e escolhas separadas das histórias e geografias da desigualdade?

As reflexões a seguir procuram desenvolver uma abordagem para as diferenças entre masculinidades que nos conduzam para além da pacificação de homens violentos, para além do reconhecimento de diferenças individuais e para além da assimilação da diversidade em ideais universais. Nossa experiência é largamente baseada em políticas de identidade, movimentos comunitários e políticas de direitos humanos, mas também esperamos ir além da fragmentação de políticas e coalizões que estão eventualmente conectadas a estes movimentos. Ao contrário, trabalhamos para desenvolver uma perspectiva que procure ativar outros significados da diversidade para sugerir, por exemplo, sentidos para pôr em relação grupos diferentes, e mesmo formas “estranhas” de masculinidade, de modo que estas relações sejam consideradas como fontes de solidariedade que possam dar suporte à promoção da justiça.

Individualidade, Hierarquias e Masculinidades do Medo

Nas democracias modernas, a cidadania e a prevalência da lei estão baseadas em nossas identidades como indivíduos, com cada indivíduo possuindo supostamente direitos iguais. Paradoxalmente, num

Será que as fronteiras sociais entre nós poderiam ser consideradas zonas de solidariedade?

Atores sociais e comunitários começam a perceber como diferenças raciais, sexuais e nacionais podem criar interseções dinâmicas em vez de conflitos de identidade.

A interseccionalidade oferece uma escolha mais construtiva que a ambigüidade ou a violência. Neste contexto, o Brasil está localizado como cruzamento de alternativas globais para transformação, teorização, e mobilização de masculinidades subalternas.

com medos. Estes medos minam a democracia ao encorajar a violência, a competição ou a assimilação resignada.

Formas dominantes de masculinidade têm tido pouco incentivo para administrar ou enfrentar o estranhamento e as curiosidades associadas a viver continuamente no cruzamento de diferenças, estas masculinidades são reproduzidas no contexto de duas políticas culturais muito distintas, mas que se fortalecem mutuamente. Uma, a forma neoliberal de hegemonia, baseada na metáfora assimilacionista do “mercado livre”. A outra, a forma autoritária, baseada nas metáforas opressivas da hierarquia. A política cultural do “mercado livre” define identidade em termos de indivíduos movendo-se num espaço livre de escolhas e desejos, no qual identidades podem ser consumidas, trocadas e misturadas sem, necessariamente, conflito. Esta metáfora neoliberal articula escolha com prazer, mutabilidade individual com ambigüidade social. Para alguns, principalmente membros da elite, o mercado livre está conectado a noções de flexibilidade sexual, indeterminação racial, miscigenação cultural e hibridiz internacional sem fronteiras. Mas, com exceção dos indivíduos mais privilegiados, a maioria dos atores sociais experimenta a vida não como um mercado livre, de flexibilidades e escolhas sem fim. Estes atores não têm como conceber mudança, contato e diferença como formas de consumo cultural, nem como assimilação em uma “zona-franca” de identidades sem fronteiras e ambigüidades.

OSMUNDO PINHO



Grupo na f

des:

novos olhares e internacionais

OSMUNDO PINHO



Grupo na festa de Yemanjá, no bairro do Rio Vermelho em Salvador, BA. 2000.

Alternativamente, é possível elaborar modelos de vida engajados nas interseções de identidades, desigualdades e conflitos que podem ser vividos socialmente, politicamente – e mesmo eroticamente, para além do mercado e das hierarquias. Este tipo de subjetividade engajada é vivido como um sentimento de imersão em possibilidades específicas, materiais e multidimensionais. Desta perspectiva, masculinidades subalternas que propõem maneiras construtivas para o engajamento sem hierarquia ou distinção podem ser uma fonte para a participação e a democratização.

Brasil no Cruzamento de Alternativas Internacionais

Diariamente, injustiças raciais ao nível das ruas ou supostamente de âmbito privado têm sido comumente identificadas com a cultura, crime ou regulação da moralidade individual e valores familiares hetero-normativos. Estas injustiças identificadas com fundações culturais ou naturais dos sistemas hierárquicos ou neoliberais, têm sido ignoradas pela política hegemônica e mal compreendidas pelas facções de orientação elitista dos movimentos gay e feminista.

O reconhecimento destas exclusões e uma transformação nas prioridades políticas pode ser remetido à Conferência das Nações Unidas para Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro (1992), onde se destacou a participação de movimentos

raciais e sexuais brasileiros, assim como feministas, indígenas e movimentos comunitários, que demandaram a inclusão de suas prioridades e a sua participação em qualquer plano de proteção ao meio ambiente urbano ou natural. Movimentos sociais brasileiros têm sido os anfitriões dos Fóruns Sociais Mundiais de Porto Alegre e sua participação como líderes visíveis na Conferência sobre População da ONU (Cairo, 1994), na Conferência Internacional de Direitos Humanos (Viena, 1993) e na Conferência Internacional sobre A Mulher (Beijing, 1998), proporcionou os espaços para a articulação de novas estratégias para definir políticas de raça/sexualidade/gênero. No período da Conferência Contra o Racismo e Xenofobia (Durban, 2001) esta perspectiva moveu-se das margens para o centro da visibilidade política internacional. Uma estratégia importante, pretendendo oferecer alternativas aos “masculinismos” e racismos identificados com perspectivas neoliberais e autoritárias, passou a ser conhecida, a partir daí, como interseccionalidade.

Este diálogo internacional tem proposto que as abordagens interseccionais quer sejam em nível internacional ou comunitário, priorizam politicamente as formas específicas de injustiça, violência e conflito que atingem mulheres, sujeitos racializados e minorias sexualizadas. Estes múltiplos vetores de violência e identificação interseccionam-se para criar as fundações da dominação ela mesma. Esta perspectiva designa a multidimensionalidade e a qualidade racial/de gênero/sexual do abuso e marginalização como ponto de partida para qualquer mobilização para a mudança. Neste contexto, pesquisa, ação estatal e mobilização social deveriam ser interseccionais, quer dizer, deveriam ser compostas de alianças que reúnam grupos “subalternos” e minorias reconhecendo especificamente a materialidade, assim como as oportunidades específicas para mudança das diferentes histórias e hierarquias, de modo que a natureza transversal da desigualdade possa ser plenamente compreendida e transformada solidariamente.

Curiosidades Masculinas, “Queer Politics” e Investigação Emancipatória

Movimentos sociais brasileiros, em contato com pesquisadores e estrategistas, internacionais e transnacionais, começaram também a adotar uma nova abordagem para a política dos movimentos sociais. Esta questiona as fronteiras espaciais e de identidade, no sentido de favorecer o empoderamento de cidadãos mundiais entre os

atores urbanos marginalizados, que assim podem se emancipar de suas localizações geográficas e identitárias.

Novas abordagens transnacionais para políticas comunitárias insistem em que a globalidade é uma realidade e um direito de todos. Estes estudos e mobilizações, mesmo quando engajados nas margens urbanas, consideram as dimensões globais de todos os fenômenos comunitários e o *status* global de todas as realidades sociais. Líderes de comunidades transexuais imigrantes chamaram esse tipo de política de “trans” política, para enfatizar a importância de ver todas as pessoas como sujeitos de intercessão, habitantes de culturas transfronteiriças. Estes líderes, militantes e pesquisadores vêem essas ligações não apenas como estimulando medo e violência, mas também como geradoras de possibilidades para o desejo erótico e a mudança relacional, quer dizer, como um tipo de política da “trans-sexualidade”.

Em outros movimentos, negros, feministas e GLBTS (gays, lésbicos, bissexuais e transexuais), um paralelo para políticas “trans” e “interseccionais” tem sido definido em torno de uma re-interpretação criativa e alternativa da palavra inglesa “*queer*”. Comumente, o termo “*queer studies*” ou “*queer politics*” é interpretado como estudos ou políticas associados à orientação homossexual, reagrupando os interesses supostamente comuns dos gays, lésbicas, e às vezes também os bissexuais, travestis e simpatizantes. Esta identidade *queer* é vista como uma categoria constituída separadamente da identidade racial, étnica, social ou nacional e é vista como coletivamente oposta a uma realidade “heterossexual” definida como fixa, opressiva e externalizada.

“Queer” é, de fato, uma palavra que originalmente significa “estranho” ou alguém que aparente rejeitar as normas ou maneiras de relacionamento dominantes, especialmente num sentido sexual. A palavra “queer” historicamente tem uma relação etimológica antiga com as palavras inglesas para “curiosidades” ou “questionar”. Como indicado por estes últimos termos, as políticas “queer” podem ser interpretadas como estratégias de abrir espaços para a curiosidade, tolerância e interesse no questionamento e no encontro, jogando eroticamente, e seriamente, com a diferença. Esta visão alternativa da política *queer* pretende substituir o conceito de diferença como ambigüidade ou individualidade, sem reduzi-la à luta contra “heterossexuais”. Em vez disso, esta nova estratégia pretende interrogar as categorias “normais” de identidade indo além das questões de orientação sexual. A política de curiosidades, porém, mantém um sentido de tensão erótica e ironia prática que tomam o lugar ocupado pelo medo e agressividade nas masculinidades hegemônicas.

Regimes autoritários ergueram-se sobre machismos militarizados; e democracias liberais sobre o individualismo competitivo. Ora, que tipo de emancipação é possível quando formas plurais de masculinidades subalternas, lutando nas interseções curiosas de histórias e hierarquias, são oferecidas como um dos pilares do poder? Esta é a estranha questão enfrentada por movimentos sociais brasileiros, homens e mulheres comprometidos, que se encontram juntos nesta interseção.

Paul Amar

Cientista Político, Professor Visitante
na Universidade Federal Fluminense

VAMOS NESSA

Grupo de estudos Raça e gênero

Reuniões abertas, quinzenais, sediadas no Centro de Estudos Afro-Brasileiros, nas quais serão discutidos textos clássicos e fundamentais sobre raça, gênero, sexualidade, políticas de identidade e suas várias articulações possíveis em sessões coordenadas em formato de seminários.

Oficinas temáticas Masculinidades afrodescendentes

Oficinas de trabalho desenvolvidas através de dinâmicas de grupo, rodas de discussão e seminários nos quais se discutirão vivências, projetos políticos e aspectos da identidade e dos desafios contemporâneos de homens afrodescendentes.

Oficinas temáticas Parceiros juvenis

Oficinas de trabalho voltadas para homens jovens e desenvolvidas através de dinâmicas de grupo, rodas de discussão e atividades orientadas nas quais serão discutidos temas relevantes para a experiência da masculinidade juvenil em meios sociais populares.

Oficinas temáticas Homossexualidades, poder e diferença

Oficinas de trabalho propostas como um espaço de reflexão e proposição crítica construtiva sobre a inter-relação das dimensões de gênero, raça e classe na política gay, na experiência da identidade homossexual masculina e na formação das comunidades homossexuais.

Seminários Articulando masculinidades

Espaços de discussão, análise aprofundada e proposição crítica em torno das divergências e convergências percebidas entre as posicionalidades masculinas debatidas nas oficinas temáticas.

Seminário Avaliação final

Apresentação de reflexões e avaliações sobre o projeto para discussão com todos os envolvidos e demais interessados.

As datas e horários das atividades programadas serão divulgados oportunamente no site <www.ceab.ucam.br>